



FORA DA CAIXA • SAMY DANA

COMO HOMENS E MULHERES ENFRENTAM A COMPETIÇÃO

Diferenças de renda entre homens e mulheres, o chamado *gap* de gênero, estão em quase todas as profissões. No Brasil, elas ganham 75% da renda dos homens, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nos Estados Unidos, 79%, e mesmo na Dinamarca, país com legislação avançada, o *gap* é de 20%.

O assunto é cada vez mais explorado, como no debate sobre a disparidade entre cachês de atores e atrizes em Hollywood. Muitos ressaltam o machismo e a discriminação das mulheres no trabalho, outros apontam que é o preço que elas pagam caso se tornem mães, perdendo oportunidades e promoções. Na biologia, o debate – errado – é de que homens e mulheres têm habilidades diferentes para algumas profissões.

O economista comportamental Uri Gneezy decidiu investigar o modo como homens e mulheres competem por oportunidades. Juntamente com Aldo Rustichini e Muriel Niederle, ele conduziu dois experimentos que envolvem estudantes de diferentes idades e lançam luz sobre as diferenças.

O primeiro estudo foi realizado em uma escola primária de Israel, envolvendo 85 meninos e 65 meninas, entre 9 e 10 anos, da quarta série. Nessa idade, meninos e meninas ainda correm na mesma velocidade a curta distância.

Gneezy e seus colegas pediram para que cada aluno corresse 40 metros enquanto um professor marcava o tempo. No segundo estágio, metade dos corredores foi separada para correr em duplas, um participante contra o outro, não importa se menino ou menina, enquanto a outra metade continuou a correr sozinha.

Os corredores solitários não mudaram suas marcas da primeira para a segunda corrida. Entre as duplas, disputando quem chegava primeiro, os meninos foram muito mais rápidos, tanto correndo uns contra os outros quanto contra as meninas. Aquelas que na primeira fase tinham sido mais velozes do que os meninos até corriam um pouco mais rápido do que

antes, mas agora eram derrotadas. Nas 18 duplas mistas, só três provas foram vencidas por meninas. Na disputa entre elas foi ainda pior: as duas corriam mais lentamente do que quando sozinhas.

O estudo, publicado em 2002 no *The American Economic Review*, estimou que a competição estimula o desempenho dos homens, mas não o das mulheres.

No segundo experimento, publicado em 2003 no *The Quarterly Journal of Economics*, os estudiosos analisaram grupos de três homens e três mulheres. Formaram-se 54 grupos de seis pessoas, totalizando 324 integrantes que deveriam participar de um jogo de computador no qual tinham de achar a saída de um labirinto.

Foram aplicados dois testes. No primeiro, cada participante recebeu uma quantia equivalente a R\$ 2 por labirinto resolvido e soube apenas do próprio resultado. Nessa fase, homens e mulheres tiveram desempenho praticamente igual. No segundo, os participantes de cada grupo souberam que só receberia o dinheiro quem resolvesse mais labirintos em 15 minutos. Os demais não ganhariam nada.

No segundo teste, homens melhoraram o desempenho em relação ao primeiro, enquanto o desempenho das mulheres contra os homens foi igual. Mas, quando elas disputavam apenas contra mulheres, os resultados subiam e às vezes superavam os dos homens.

Os resultados não explicam as diferenças de salários entre homens e mulheres, mas mostram como elas se sentem no trabalho: podem até não se interessar pela competição acirrada, mas o ambiente hostil parece uma explicação plausível. Gneezy ainda cita um estudo de 2002 em que mulheres estudantes de engenharia deixavam o curso devido ao clima em programas dominados por homens.

A discussão vai continuar, mas esses *insights* explicam quebra-cabeças importantes na economia. Conhecer diferenças entre homens e mulheres indica novas formas de combater o *gap* de gênero e aproveitar o potencial de todos.

NO BRASIL, AS MULHERES GANHAM 75% DA RENDA DOS HOMENS. NOS ESTADOS UNIDOS, 79%, E MESMO NA DINAMARCA, PAÍS COM LEGISLAÇÃO AVANÇADA, O *GAP* É DE 20%.